

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis



Conduzi as criancinhas até junto do Altar da Virgem

Era no fim da Grande Guerra. A bordo dum navio russo, padre e quasi a desconjuntar-se, seguiam, pelo Mediterrâneo, centenas de prisioneiros de guerra provenientes, a maior parte, das colónias alemãs da África. Na maior promiscuidade, amontoaram ali, a-fim-de os transportar para a Europa, homens, mulheres, crianças e até missionários que tinham sacrificado os melhores anos da sua vida ao serviço das missões. Sobre esta pobre gente, que suportara nas colónias os horrores da guerra e que tivera de abandonar tudo quanto esta lhe poupava, pesava, como chumbo, a incerteza do futuro.

Nuvens negras ameaçando tempestade surgem no horizonte e aproximam-se velozmente. As ondas encapela-se. O vento rugiu. O velho navio range por todas as juntas balouçando-se ao sabor das ondas cada vez mais furiosas e encapeladas. Para cúmulo de infelicidade tinha-se avariado a bomba da quilha e tornara-se impotente para estancar a água que ali entrava em borbotões. Os prisioneiros tiveram que abandonar o convés para não serem varridos e tragados pelas ondas. A tempestade desencadeia-se agora furiosamente. O desespero apossa-se daquela pobre gente. Entre os prisioneiros havia também um religioso. Chamemos-lhe «Irmão Mariano». Este vive ainda e, a-pesar-de terem decorrido já bastantes anos desde o dia em que nos contou esta verdadeira história, temo-la ainda tão nitidamente impressa na nossa alma como se a tivéssemos ouvido ontem.

O Irmão Mariano viveu muitos anos nas missões. Nossa Senhora que ele amava ternamente, já por mais de uma vez e duma forma bem visível o tinha preservado dos maiores perigos. Os seus confrades da missão, dos quais alguns ainda vivem, presenciaram muitas vezes, com admiração e espanto, a protecção especial dispensada por Nossa Senhora ao Irmão Mariano. Até os próprios pretos se julgavam ao abrigo de todos os riscos quando, sob o seu comando, entravam em combate em defesa da colónia. A sua piedade permitia-lhe, em muitas situações críticas, prever e evitar perigos que passavam despercebidos ao comum dos mortais. O mesmo acontecia agora. Viu claramente que só uma intervenção Divina podia salvar de morte certa os infelizes passageiros do velho navio. Deveria ele próprio oferecer-se como vítima expiatória? Mas não seria a vítima demasiado fraca para obter uma tão grande graça?

(Continua na 2.ª pág.)

A Peregrinação de Junho 13

As comemorações religiosas do dia 13 de Junho último no Santuário Nacional de Nossa Senhora da Fátima foram revestidas de extraordinário brilho graças à amenidade do tempo e à numerosa concorrência de fiéis.

Havia representantes de todas as regiões do país, predominando os do norte. Era de trezentas pessoas e peregrinação de Guimarães. Mafrá enviou à Fátima um grupo de noventa e dois peregrinos sob a presidência do respectivo Pároco. Viam-se muitas religiosas de várias Congregações e também mais senhoras servitas que de ordinário por ter terminado nesse mesmo dia de manhã o retiro espiritual dado a mais de

Na véspera à noite, pouco depois das 10 ½ horas, efectuou-se a procissão das velas que decorreu na melhor ordem e que foi favorecida por um tempo esplêndido.

A meia-noite começou a cerimónia da adoração do Santíssimo Sacramento.

Durante o turno da adoração geral, da meia-noite às 2 horas, rezou-se o terço do Rosário, meditando-se os mistérios dolorosos. Nos intervalos das dezenas, fez práticas apropriadas o rev. P. Domingos Gonçalves, director das Oficinas de S. José de Guimarães.

Das 2 às 3 horas, foi o turno de adoração das representações das freguesias de Nevogilde (Pôr-

Ao meio-dia, depois da recitação do terço e da primeira procissão com a augusta Imagem de Nossa Senhora da Fátima, começou a Missa dos doentes. Foi celebrante o rev. dr. Galamba de Oliveira. Ao Evangelho pregou o rev. P.º Domingos Gonçalves. Assistiu à Missa Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva, venerando Bispo de Leiria, que no fim deu a bênção aos doentes e a todo o povo. Levou a umbela o sr. dr. Vilela, lente da Universidade de Coimbra e Juiz do Tribunal Internacional do Egipto.

Os doentes eram numerosos, sendo grave o estado de alguns. Na ocasião da bênção, uma pa-

Nossa Senhora da Fátima no estrangeiro

EM FRANÇA

Por iniciativa do R. Pároco de St. Vuligan, na diocese de Arras, foi inaugurada na sua igreja que serve os operários dos arredores de Lens, entre os quais há muitos portugueses, uma imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Como o culto tem aumentado, foi, há pouco, despachada uma estátua de escultor sr. Thedim, que dará ocasião a uma grande festa franco-portuguesa, vindos de todos os pontos da diocese de Arras.

A Santíssima Virgem os proteja.

NA ITÁLIA

Graças à Santíssima Virgem, Bênção do Santo Padre e zelo dos Rev.ª Superiores e alunos do Colégio Português o culto de Nossa Senhora da Fátima tem-se desenvolvido duma maneira assombrosa em Roma e mais

menos, em toda a Itália. Para se fazer uma ideia basta dizer que a 3.ª edição do livro *Le Miraviglie di Fátima*, do Rev. P.º Luigi Gonzaga da Fonseca, S. J., Professor da Universidade, cujo aparecimento noticiámos na «Voz da Fátima» de Junho passado teve uma extracção de mil exemplares em 15 dias!

No Vaticano

A peregrinação portuguesa da Juventude Católica Feminina levou e ofereceu ao Santo Padre Pio XII uma Imagem de Nossa Senhora da Fátima para o Vaticano, trabalho do escultor sr. Thedim que pôs na sua execução toda a sua alma de artista.

O 13 de maio no Colégio português

No Colégio português está à veneração na Capela uma bela Imagem de Nossa Senhora da Fátima benzida pelo Santo Padre Pio XI, de saudosa memória.

Os alunos do Colégio anunciaram e distribuíram programas da festa entre os seus colegas da Universidade, Igrejas, Associações etc..

A concorrência foi maior do que em anos anteriores a-pesar-de ser dia de trabalho. Pela manhã houve muitas comunhões, vindo celebrar diferentes Sacerdotes e entre eles um francês e outros escocês.

As 10 horas cantou pela primeira vez a S.ª Missa um aluno do Colégio que no fim deu o beija-mão.

Assistiu o sr. Ministro de Portugal com sua Ex.ª Espôsa.

Na cerimónia da tarde a Capela, embora vasta, estava à cunha tendo de se abrir o salão nobre onde se acomodaram os estudantes da Universidade, de diferentes nações que assistiram ao sermão, Te-Deum e Bênção com o SS. Sacramento.

NA SICÍLIA

Em Palermo

Na capital de Sicília — Palermo — cidade notável pela sua história, tradições e monumentos, é muito venerada Nossa Senhora da Fátima.

O sr. Arcebispo, desta cidade, os Rev.ª Cônegos, Superiores e alunos do Seminário e fiéis inscreveram-se em grande número no Livro de Oiro.

Em *Pádua* onde se eleva a célebre basílica em honra de Santo António que contém num cofre riquíssimo a língua do nosso Santo, em *Cortona* e outras terras vai-se propagando também o culto de Nossa Senhora da Fátima.

Graças sejam dadas à Santíssima Virgem.



Peregrinação de 13 de Junho de 1939

Grupo em acção de graças depois da S. Comunhão

cinquenta na Casa dos retiros do Santuário. Os sacerdotes eram igualmente em grande número e por esse motivo celebraram-se muitas Missas e houve muitas confissões.

Entre a assistência estava uma rapariga de Felgueiras que se curou em idêntico mês e dia do ano passado na ocasião em que recebia a bênção com o Santíssimo Sacramento.

Imprimiam uma nota de graça e encanto particular na mancha escura da multidão dos peregrinos as muitas dezenas de crianças da Cruzada Eucarística de Casével envergando os seus lindos trajes privativos e dispostas em filas na escadaria monumental da Basílica do Rosário.

to), Lourinhã, Águas Santas e Turcifal.

Das 3 às 4, o da Obra das Criadas de servir, de Coimbra, da freguesia do Sacramento, de Lisboa, e da Casa de Trabalho, da Parede.

Das 5 às 6, o de Águeda e Raimonda.

Celebrou a Missa da comunhão geral, às 6 horas, o rev. P.º Domingos Gonçalves.

Das 6 às 10 horas, tiveram Missas privativas, sucessivamente, as peregrinações de Guimarães, Nevogilde, Sacramento, Águeda, Lourinhã, Casa de Trabalho da Parede, A-dos-Cunhados e Turcifal.

Receberam o Pão dos Anjos cerca de onze mil pessoas.

ralítica sentiu melhoras consideráveis, tendo chegado até a levantar-se da maca.

Como sempre na ocasião de grande afluência de peregrinos, era imponente o espectáculo que se contemplava do cimo da escadaria da Basílica, ao terminarem as cerimónias religiosas.

Com a última procissão e a cerimónia do «Adeus» concluíram os actos oficiais dispersando-se em seguida os peregrinos que partiram a caminho das suas terras com uma fé mais viva, uma piedade mais acrisolada e o coração cheio de saudades daquele local bendito consagrado pela presença e pelas bênçãos da Mãe de Deus.

A lei universal do descanso

São muito raros os povos que em toda a semana não têm um dia de repouso. Dos povos que constituem a nacionalidade, apenas um, que nós sabemos, não observa o descanso semanal. São os chineses.

E que o repouso assim como a alimentação, é uma lei da natureza.

O Descanso dominical

Exige-o a saúde do corpo que não é de ferro e que, por conseguinte, precisa de refazer-se do cansaço de seis dias de trabalho e de fadigas. Exige-o o bem da alma que tem os seus deveres para com o Criador — deveres que forçosamente esquecerá quando totalmente absorvida pelos labores da vida e que não poderá cumprir perfeita e gostosamente, se a isso a não ajudar o corpo bem disposto e não cansado.

Exige-o, enfim, o bem da família que não poderá viver bem organizada, se o seu chefe, ocupado e ausente toda a semana, não tiver um dia para estar, em casa, com os filhos, saber como procedem e dar-lhes os conselhos e a educação de que carecem.

O repouso é, pois, uma lei universal que os povos cumprem segundo os preceitos da religião que professam.

O descanso entre os judeus

E assim é que, enquanto os maometanos, por exemplo, guardam a sexta-feira, os judeus observam o sábado. E que assim lho preceituava o 3.º mandamento, do Decálogo, dado por Deus a Moisés, esculpido em duas táboas lá no alto do Sinai. «Lembra-te de santificar o dia do sábado, mandava o Senhor. Trabalharás só seis dias e farás nelas tudo o que tens a fazer... O sétimo dia, porém, é do Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem a tua escrava, nem o teu animal, nem o peregrino que vive das tuas portas para dentro». Exodo, XX, 8 e 10. «Aquele que violar o sábado, morrerá de morte; e o que trabalhar neste dia, perecerá a sua alma no meio do seu povo». Exodo, XXXI, 14.

Entre os cristãos

Este preceito, dado por Jehovah aos Judeus, herdaram-no os cristãos, pois que Jesus Cristo não veio destruir a Lei, mas aperfeiçoá-la. Com uma diferença apenas: Os Apóstolos, com o poder e autoridade que tinham, substituíram o sábado pelo domingo. Porquê? — Porque o domingo é o grande dia — o dia da SS. Trindade, em volta da qual gravita ou deve gravitar toda a vida do cristão.

Foi no domingo — o primeiro dia da semana — que o Padre começou a Obra da criação, o Filho ressurgiu dos mortos, e o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos. Ao domingo estão ligados os três grandes benefícios que o homem recebeu de Deus: a Criação, Redenção e Santificação.

Sendo, pois, o domingo o dia do Senhor, ao Seu santo serviço deve ser dedicado e consagrado.

As sociedades cristãs têm, portanto, rigorosa obrigação de respeitar o descanso dominical e de o fazer respeitar, mandando suspender os trabalhos servis, para que todos os cidadãos possam tomar parte nos actos públicos da sua religião e recrear honestamente o seu corpo e o seu espírito.

Em Portugal

Portugal com ser uma nação profundamente católica, é dos poucos países onde o descanso dominical não é ainda integralmente cumprido. Bem sabemos que a lei o impõe à indústria e aos grandes meios comerciais. Mas os pequenos meios deixam ainda muito a desejar. Grande parte dessas vilas e

aldeias que por aí há, estão agarradas a mercados ao domingo — mercados que, com serem a grande praga dos nossos tempos e das piores conseqüências para o próprio comércio, para a religião e para a moralidade, não quer deixar, por forma nenhuma, sob pretexto de que isso levaria à ruína do comércio local.

Não é verdade!

Se essas localidades têm mercados ao domingo, facilmente os poderiam passar para qualquer dia da semana e com grande vantagem, pois que — a experiência de muitas terras o demonstra — os mercados da semana são sempre mais fortes que os dominicais.

No entanto, há-de haver sempre gananciosos que, cegos pela paixão do lucro, vêem as coisas ao contrário e não de inutilizar sempre os esforços e as tentativas dos homens de boa-vontade.

Terras há onde toda a gente quer o descanso ao domingo — vendedores e compradores, patrões e empregados —. Basta, porém, a oposição de uma infima meia dúzia para tudo deixar sem efeito e sem resultado.

As Câmaras municipais que eram quem neste ponto, segundo o novo Código Administrativo, podia dar ordens, calam-se e acobardam-se quando os seus vereadores não são os piores.

Em face disto, só há um remédio. Já que as Câmaras não têm, muitas vezes, força, nem vontade (o que é muito pior) urge resolver a questão por outro lado.

Que Salazar o grande chefe do Estado Novo, decrete — o mais breve possível — o descanso dominical para todo o País, certo de que jamais terá medida aceite com tantos aplausos, com tanto júbilo e com tanta alegria.

De resto descontentes há-de haver sempre...

Vai brevemente sair a Tradução italiana de JACINTA

Foi tal o entusiasmo provocado pela vida da mais pequenina dos videntes que sua prima — Lúcia — nos conta dum forma despretenhosa e encantadora, que em Itália pedia-se encarecidamente uma tradução da vida edificante da mais extraordinária criança dos nossos tempos.

Está já pronta essa tradução e quasi acabada de imprimir e dentro em breve será posta à venda na Itália.

É a ocasião de recordar que o livrinho — Jacinta — constitui o melhor brinde que se pode oferecer a uma criança de 6 a 60 anos porque todos, grandes e pequenos, lêem comovidamente essas páginas maravilhosas.

Preço 5\$00. Pelo correio 6\$00.

Pedidos à Gráfica — Leiria ou ao Santuário da Fátima

Cova da Iria

Jante bem e beba "pôrto", saboroso ponto final dum bom jantar.

Conduzi as criancinhas até junto do altar da Virgem

(Continuação da 1.ª pág.)

A um canto do navio, prestes a submergir-se, estava sentada uma criancinha a chorar. Tremia de susto não só por causa da tempestada mas mais ainda pelos gestos desesperados dos passageiros. Um pensamento salvador acudiu então à mente do Irmão Mariano. Tomou a criancinha nos braços e levantou-a ao Céu diante dos olhos ansiosos e suplicantes de todos. Por intermédio de Maria ofereceu êle ao Deus Todo Poderoso esta criancinha inocente como medianeira pelos desesperados e infelizes passageiros. A tempestade amainou súbitamente. Como que por milagre, começou de novo a bomba a funcionar e estancou a água que tinha invadido o navio. Os pobres prisioneiros estavam salvos.

Ao leme da barca de Pedro está hoje a figura extraordinária do «Pastor Angélico» o Papa Pio XII, que alia a uma grande piedade qualidades de diplomata eminente, e que, para amainar a tempestade que ameaça subverter a humanidade inteira, não hesita em empregar os meios que empregou o Irmão Mariano. O Vigário de Cristo na terra toma também nas suas mãos de Sumo Sacerdote os milhões de crianças inocentes espalhadas pela cristandade além, e oferece-as ao Deus Todo Poderoso por intermédio de Maria para salvação de toda a humanidade.

Em 20 de Abril de 1939 enviou o Santo Padre ao mundo inteiro, por intermédio do seu Cardial Secretário de Estado, o seguinte, veemente apêlo:

«Ao aproximar-se o mês de Maio, em que os fiéis costumam dirigir especiais preces à Santíssima Virgem, é-Nos caro manifestarmos o vivíssimo desejo de que, precisamente naquele mês, se promovam em cada uma das dioceses e paróquias delas, preces públicas com o fim acima indicado. Mas a esta cruzada de orações Nos apraz incitar de modo especial aqueles que, a exemplo do Divino Redentor, cujas vezes fazemos na Terra, amamos com terníssimo afecto: queremos dizer às crianças que, na primeira floração da vida, de si mesmas irradiam inocência, suavidade e graça.

Pio é o costume de pais e mães levarem em cada dia dêsse mês os seus filhinhos, ainda os mais pequeninos, até junto do altar da Virgem e oferecer-Lhe, com as flores dos seus jardins e dos seus campos, as suas preces e as dêles. E como poderá a Mãe Celeste deixar de acolher tantas vozes suplicantes, a implorarem a paz para os homens, para os povos e para as nações?

Como poderá desprezá-las se as orações dos Anjos do Céu se juntam às das crianças que se podem dizer Anjos da Terra? Certo, a Virgem Mãe de Deus, invocada em tanta oração, intercederá maternalmente junto do seu Divino Filho em hora de tão universal angústia; e feita propiciação junto d'Aquêlle que é ofendido por tantos pecadores, obterá que sejamos libertos de tanta aflicção e, com tamanho bem, a paz e a fraterna concórdia entre os povos».

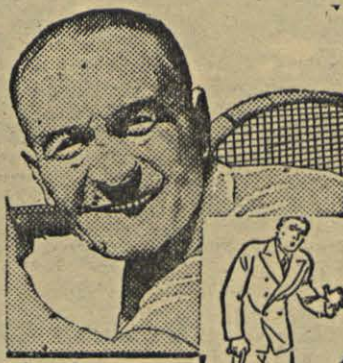
A exortação do Papa a todos os pais católicos para incitarem seus filhos a interceder junto de Maria pela paz do mundo é um encargo de tal sublimidade e amor que deve mover todos os «prisioneiros» que não tenham perdido ainda de todo o sentimento da beleza espiritual e moral. As palavras do Papa — não tenhamos dúvidas — não-de encontrar eco no coração dos 400 milhões de católicos espalhados por toda a terra.

A mensagem do Santo Padre é o eco da mensagem da Fátima. Em Fátima foi a própria Mãe de Deus que chamou a si as criancinhas. Com a alma a transbordar de alegria regressaram os pastorinhos a casa na tarde de 13 de Maio de 1917. A «Linda Senhora» que tinham visto na Cova da Iria exerceu sobre ellas uma tão extraordinária e irresistível atracção que voltaram outra vez na manhã seguinte, não obstante sabermos que Ela só no dia 13 do mês seguinte, tornaria a aparecer-lhes. O mundo empregou todos os meios e re-

vestiu-se de todos os embustes para os afastar de Nossa Senhora. Nem ameaças, nem perseguições, nem violências os impediu de darem desombadamente testemunho d'Ela. E com que entusiasmo infantil e heroica coragem anunciaram êles a mensagem de Nossa Senhora e por ela sofreram!

Nossa Senhora da Fátima chamou a si as criancinhas. O Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo na terra segue um caminho oposto. Êle, o grande mestre da diplomacia, envia as crianças para Maria; Êle, o conhecedor dos segredos das Chancelarias, lança mão dum meio de assombrosa simplicidade e ao mesmo tempo de incomparável beleza moral. Liga e une todos os que têm direitos e deveres para com as almas das criancinhas, aos desejos do seu próprio coração, dizendo-lhes: «Conduzi as criancinhas até junto do altar da Virgem». O Santo Padre está seguro da infalibilidade dêste meio de salvação quando diz: «Nós contemplamos já, em espírito, os frutos de paz e salvação que hão-de resultar das orações das crianças». O sucesso dêste admirável meio de salvação que o Papa nos aponta depende única e exclusivamente da obediência dos fiéis à sua exortação. Impende, pois, uma grave responsabilidade sobre todos aqueles que têm a felicidade de ter sob a sua guarda e protecção corações infantis. Por isso não poderá deixar de ser ouvido o brado do nosso «Pastor Angélico». Conduzi pois as criancinhas para Maria, sobretudo vós, os queridos amigos da Fátima. Não só hoje ou durante o mês de Maio, mas durante todo o ano; não só na Igreja, mas também perante a Imagem de Maria, no altar dos vossos lares. Mostrai às criancinhas a incomparável beleza e bondade da Mãe de Deus para que estas a possam amar com toda a força e entusiasmo dos seus corações infantis. Só o amor inocente pode ainda salvar o mundo.

Dr. L. Fisher, professor na Alemanha



Estava entretido e já joga o tenis

Aqui está a história de um rapaz que tinha perdido a esperança de voltar a fazer esporte com os seus amigos. Há cerca de dois anos, foi atacado de reumatismo nos pés e pernas; durante 12 meses, só pôde andar apoiado a uma bengala. Um dos seus companheiros de jogos aconselhou-o a experimentar os Sais Kruschen e, depois de os ter tomado, com regularidade durante poucos meses, verificou que as dores e inchaço dos pés lhe desapareceram gradualmente. Em seis meses conseguiu voltar a dar grandes passeios e, hoje, já começa a poder jogar o tenis.

A maior parte das vezes o reumatismo, as dores e o inchaço são conseqüências da acumulação de ácido úrico no organismo. Kruschen dissolve, rapidamente, os cristais pontegados do referido ácido, causadores de todos os incomodos. Depois, se continuar a tomar a pequena dose diária de Kruschen, todo o seu interior será regularizado e libertado de matérias fecais e de venenos, como o ácido úrico; que não voltarão a acumular-se.

Sais Kruschen

Vendem-se em todas as farmácias.

Vinho para missa

o melhor e o mais barato

de e comum

vende em garrações seladas a Gráfica — Leiria

FILHOS

Então, senhora Eugénia, que me conta da festa da Família cá na nossa freguesia? Ainda hoje se não fala noutra coisa. Digo-lhe com franqueza que sinto pena do coração por não ter assistido. Mas naquele dia era impossível...

Foi realmente muito mau não vires porque vocês, raparigas, que pensam em casar deviam ouvir aquelas verdades.

Só não há tempo para o que lhes interessa.

— Já estou a ver que houve sermão...

— Sim, isso houve, mas por pregadores de bigodes e pais de família.

— E falaram...

— Muito bem! A festa de ontem, Maria, foi uma festa nossa, muito nossa. Foi a bênção dos nossos filhos e o reconhecimento solene da nossa dignidade de mães.

— Mas que lágrimas não custam essas dignidades...

— Ora!... Lá vem o dia em que Deus as fará doces. Há lá maior consolação do que ver à nossa volta um ranchinho esmerado e bem educadinho?

— Arreda!... São bem mais felizes os que os não têm! Até muitos, casados e ricos, olhe se os querem!...

— Se os não têm é porque Deus não lhos dá. Mal tu imaginas quantas lágrimas não custa a certos casados essa desconfiança de Deus.

Uma casa sem filhos é uma tristeza, uma noite escura. E como uma árvore sem frutos ou uma gaiola sem pássaros. E demais, quem ajuda a criar os filhos dos outros como tantos que nós conhecemos também criava os seus se Deus lhe desse essa graça.

— Que eu, note, também não sou, se fôsse casada, das que preferem morrer entre quatro paredes sósinhas. Mas um, dois já chegam bem. Agora ninhadas... Figas! Uma mulher não é coelha!

— Pois não é, não. A mãe é uma espécie de sacerdote, uma cooperadora de Deus que ajuda a trabalhar a obra da Redenção. Cada filho que ela gera nas suas entranhas é um remido com o Sangue de Jesus, é um filho de Deus e um herdeiro do céu.

— Mas então temos nós obrigação de expor-nos a tantos perigos e cuidados que uma numerosa família nos acarreta?

— Temos sim, que antes está a glória de Deus que o nosso egoísmo. E nós não podemos pôr limites ao que é bênção do céu e lei da natureza.

— Pois de acôrdo, mas Deus também não quer a nossa morte. E deitar ao mundo um filho, põe muitas vezes em perigo a vida da mãe. De quantas não tenho eu ouvido dizer que estiveram às portas da morte e de outras que morreram mesmo nessas horas angustiosas.

— Pois aí está. E preciso confiamos em Deus tanto mais que somos instrumentos Seus. Morre-se de muita maneira... E êsses são casos muito raros. Olha minha filha, são bem mais de temer os castigos terríveis e bem frequentes que Deus inflige a certas mães criminosas que cometem barbaridades que nem entre os próprios animais se vêem...

Quantas alminhas privadas de baptismo, de quantos homens, talvez illustres, privada a Pátria, de quantos santos mesmo, privada a côrte do céu.

— Tudo isso será verdade, Senhora Eugénia, mas está tudo tão difícil que se não ganha para muitos filhos...

Os filhos nunca empobreceram ninguém. Muito rica é a bênção de Deus para ajudá-los a criar. Se os não puderes vestir de seda, veste-os de riscado e calça-os modestamente que não é vergonha nenhuma. Se houveres até de passar necessidade, consola-te que não há pão mais saboroso de que aquele que se tira da nossa boca para dar aos nossos filhos.

— Já minha mãe mo dizia,

— Pois segue-lhe o exemplo.

PALAVRAS MANSAS

Visita antiga

Há aproximadamente quinze anos, estava eu numa freguesia rural, em Riba-Douro, quando lá veio em visita pastoral o Prelado da diocese, que tinha feito nobremente, mas à intempérie, como todos os outros, a transição da monarquia para a república. Perdeu o pariato, as honras militares, a cóngrua, o paço e até o direito de ter na mão as alcaias e as próprias chaves da sua Sé Catedral!

Não lho fizeram por menos, a benefício do Estado, perfeitamente de acôrdo, neste confisco sumário, com a doutrina marxista.

Depois o destêro para fora da diocese, como se quizessem também confiscar-lhe a jurisdição e as almas, sempre a benefício do património do Estado... A enormidade das coisas, como que as afasta de nós em ritmo acelerado. Ainda vão perto, e parecem já de há muitos anos.

Tinham corrido sessenta anos sem a freguesia receber a visita pastoral, certamente porque, a velhice e a doença constituíram impedimentos, que o zêlo, a-pesar-de muito vivo, não conseguiu remover. Até havia muita gente do povo que nunca tivera ocasião de ver um Bispo! Foi também por isso que toda a freguesia, desde a serra à beira-rio, concorreu à entrada solene do Prelado, com uma curiosidade, um interesse e um fervor tão a descoberto e tão impressionantes, que nunca mais me esqueceram. Exclamações jubilosas, mãos erguidas, chammas e lágrimas nos olhos, flores numa chuva tão densa, que atapetava o caminho... E todos ajoelhados, como na igreja, em momentos de mais sincera e ardente devoção. — O senhor Bispo! o senhor Bispo!

Via-se bem que as almas sentiam profundamente a instituição divina da Hierarquia, que a lei da separação ignorava.

O venerando Prelado, que já se foi dêste mundo, muito paternal, sorria e abençoava. Em tudo o que via e ouvia, comovido e enlevado, havia fé, amor, submissão e desagravo.

Levaram-lhe bruscamente as coisas, que, pelo seu valor material, despertam e acirram a inveja e a cobiça dos homens, que andam habituados a confundir estreitamente os pobres com os vencidos. Mas as almas tinha-as ali, eram dêle, e, mais do que nunca, reverentes e fervorosas. Deus, misericordiosamente, velara sempre por elas. O rebanho fiel não queria outro pastor. — O sr. Bispo! o sr. Bispo!

Como há direitos, que, por serem uma projecção da própria essência da justiça, não podem desaparecer, disse-me o venerando Prelado num determinado momento: — os anos já pesam bastante e às vezes a caminhada é penosa; mas senti a necessidade de ver as minhas igrejas.

A visita pastoral vem de longe, de muito longe. Fazem-na os Bispos de hoje, como a faziam os Bispos contemporâneos da fundação da monarquia. Há por todo o país caminhos, pontes, barcas de passagem, que se devem à inclutiva e à benemerência de Prelados, que se interessavam, mais do que ninguém, em facilitar as comunicações entre as diversas freguesias e a sede da diocese. As inquirições de D. Afonso 3.º falam já da fonte do Bispo, vizinha da Gualheira, em plena serra de Monte-Muro, fronteira do Marão.

Que seria na Meia-Idade do povo inculto dos campos, votado a tôdas as servidões e a tôdas as amarguras, sem o amor e o amparo dos seus Bispos?!

Antigamente — entre nós, para além do constitucionalismo — os Prelados começaram por assentar nas paróquias mesa de visitação, onde era permitido a todos fazer denúncias e queixas sobre culpás e abusos de clérigos e leigos. Com o reforço do braço secular, os Prelados até podiam impor a pena de destêro para fora da paróquia aos peccadores públicos sem contrição nem emenda.

A visita pastoral, em que o Bispo por si, directamente, vê e ouve condiciõna sempre, com singular eficiência, a pureza da fé, a moralização dos costumes, o revigoramento da disciplina, o decôro do culto e a paz entre os fiéis. Torna mais do agrado de Deus as almas e as igrejas.

O povo exulta com ela, e dá tudo, faz tudo, para que o senhor Bispo tenha na freguesia um acolhimento extremamente festivo. Podem lá ir as autoridades civis inaugurar êste ou aquêllo melhoramento rural. Para o povo, autoridade do sr. Bispo é mais alta e mais amovável, encaminha e abençoa. Todos sentem que a obediência que se lhe deve é sobretudo amor e veneração.

O sr. Bispo do Pôrto, regressou há pouco, visivelmente fatigado, duma larga visita pastoral ao norte da diocese. Em conversa com um dedicado familiar, que por lá o acompanhou, a minha curiosidade colheu, entre outras, esta nota, que merece menção honrosa.

Na freguesia de São Vicente de Sousa o povo queria lançar uma passadeira sôbre o caminho que o sr. Bispo havia de percorrer a pé, até à igreja, na sua entrada solene, como tinham feito, com tanto brilho, tôdas as outras freguesias. Mas como obtê-lo? Pedir-lhe de empréstimo? Vir alugá-la ao Pôrto?...

Tinham o remédio em casa; fizeram mais e melhor. Abriam as véllhas arcas de castanho que guardam o bragal, património inalienável da família, íntimo, precioso, quási sagrado, e, sem sombra de hesitação, tiraram de lá teias de linho, fabricadas pelas mãis, pelas avós, para atapetar o caminho. Que beleza moral nesta homenagem reverente, dedicada e carinhosa!

Traduziu assim o povo os versos, que tanta vez canta por lá:

Se há-de pôr os pés na rua,
Ponha-os no meu coração.

Correia Pinto

Várias notícias — França: A Liga Operária Católica da França dirigiu à Nação uma mensagem de Paz e amor à disciplina e ao trabalho. Aí vai parte dela: «Quando, por toda a parte, se fala em refazer a França, 400.000 jovens respondendo à inquietação da sua geração, sentem-se felizes por lhe trazer uma Mensagem de Esperança, altivos da sua Fé e da Verdade que trazem nos Somos 400.000 agrupados nos movimentos plenamente representativos dos meios sociais a que pertencemos: Juventudes Operária Católica, Agrícola Católica e Marítima Católica.

Sem ódios, sem agitações, com Cristo vivo nos nossos peitos, 400.000 trabalhadores católicos franceses propõem ao mundo operário da França a única verdade que o pode salvar: vamos pelo trabalho digno honrado e disciplinado, dar ao país o que êle, mais do que tudo, precisa para um futuro melhor — por ser mais cristão: a tranquilidade na ordem cristã e na justiça social, não apenas reclamando-a, mas merecendo-a. Sejamos leais para os que governam, pois, a garantia de que a nossa liberdade será por êles respeitada está, sobretudo, em sermos dignos, para que nos respeitem».

Eis o Espírito Católico: espírito de ordem, de disciplina, de concórdia que não exclue firmeza, mas antes sabe agir e confiar.

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Graças de N. S. da Fátima

NO CONTINENTE

D. Idalina Amaral — Válega, vem, com sua filha, agradecer a N.ª Senhora a cura de uma pneumonia com graves complicações. Os médicos já as haviam desenganado da possibilidade da cura, mas tendo recorrido a N.ª Senhora da Fátima com suas orações e promessas, a saúde foi recuperada com grande alegria para toda a família.

Manuel Mendes Ventura — Chão do Couço, diz ter tido sua filha Maria Rosa em grave perigo de morte com uma grave anemia no sangue. Durante 6 meses, diz, foi tratada cuidadosamente pelo médico, mas sem notar melhoras sensíveis. Por fim, recorreu a N.ª Senhora da Fátima alcançando assim a cura que hoje aqui vem agradecer como prometeu.

D. Maria Adelaide da Rocha Freitas — Caide, vem manifestar o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima pela cura de sua filha que se encontrava gravemente doente e sem esperanças de vir a recuperar a saúde.

D. Joana Augusta Tôres — Castelo Branco, vem agradecer a Nossa Senhora o tê-la livrado dum grave sofrimento que muito a atormentava.

D. Palmira da Ascenção — Guarda, por ter sido curada de uma úlcera no estômago, deseja agradecer aqui publicamente tal favor a N.ª Senhora da Fátima.

António Domingues e sua esposa — Prado — Melgaço, desejam agradecer a protecção dispensada por N.ª Senhora da Fátima a sua filha Albertina do Céu Domingues.

D. Georgina Pereira Dias Girão — Quinta do Bairro, agradece e publica por êste meio, como prometeu, uma insigne graça que recebeu por intermédio de N.ª Senhora da Fátima.

P.º José de Abreu Martins — Guilhabeu — Vila do Conde, participa que o seu paróquiano Reinaldo de Azevedo Cardial obteve de N.ª Senhora da Fátima a graça da cura da doença do tétano.

D. Marcelina Moreira — Régua, diz ter sofrido durante 16 anos de vários achaques no estômago, intestinos e fígado, tendo por vezes crises horribéis. Durante êste longo espaço de tempo teve vários ataques de icterícia. Diz ter seguido à risca as prescrições médicas emquanto a remédios e dietas que lhe davam alguns alívios momentâneos. Passado, porém, pouco tempo, as crises repetiam-se com igual agudeza. Por fim, fatigada já de tanto sofrer entregou-se a N.ª Senhora da Fátima, suplicando-lhe a própria cura. Começou logo a sentir alguns alívios que de dia para dia foram aumentando a pontos de hoje se sentir bem julgando-se radicalmente curada.

D. Maria das Dores Santos e D. Maria Virgínia Santos — Paços de Carvalho — S. Pedro do Sul, desejam agradecer aqui a concessão de duas graças que obtiveram do Céu por intermédio de N.ª S.ª da Fátima a quem recorreram no meio das aflições causadas por suas doenças.

D. Mariana de Jesus Ferreira — Casal Menino — Espite, tendo sua filha Maria de Jesus gravemente doente a ponto de os médicos julgarem a sua cura impossível, implorou o auxílio de N.ª Senhora da Fátima, e passadas três semanas a sua filha já se sentia bem.

D. Maria Albertina Duarte — Colmeal, diz o seguinte: — «Sofri do estômago durante bastante tempo sentindo dores terríveis que me impediam de me alimentar e de trabalhar. Tomei alguns remédios mas sem resultado satisfatório, chegando assim

a um gravíssimo estado de fraqueza que parecia avisar-me da morte. Foi então que me lembrei de recorrer a N.ª Senhora da Fátima e das Dores prometendo ir ao Santuário e publicar a graça da minha cura se me fosse concedida. Comecei também uma novena durante a qual senti algumas melhoras. Depois desta 11.ª segunda novena, durante a qual me foi concedida a cura não tornando mais a sentir sinal algum do habitual sofrimento».

D. Maria Rosa Ferreira da Silva — Ermesinde, veio ao Santuário agradecer a N.ª Senhora da Fátima o tê-la curado duma grave enfermidade de que sofria havia já nove anos.

D. Maria da Luz Seabra Barreto — Leitões, diz: — «Para cumprir um voto que fizera, aqui venho tornar bem público a minha alegria e reconhecimento para com N.ª Senhora da Fátima por uma série de graças que de suas maternais mãos recebi».

Armando Ribeiro Campelo — Matosinhos, agradece a N.ª Senhora da Fátima a graça de o livrar de uns ataques que por vezes o atormentavam e que, por sua intercessão, o deixaram já há anos.

D. Esperança Luz — Caldas da Rainha, diz ter sofrido muito e durante muito tempo do estômago, sem que os medicamentos prescritos conseguissem debelar-lhe o mal. Diz ter vindo ao Santuário por diversas vezes impetrar a sua cura a N.ª Senhora da Fátima. Hoje, que se julga e diz curada, vem agradecer publicamente tão apreciável favor.

D. Augusta de Jesus Mateus — Teixoso, deseja agradecer aqui 2 favores concedidos a dois sobrinhos seus que muito careciam de que N.ª Senhora os curasse de seus sofrimentos, o que lhes foi concedido logo que a Ela foram confiados.

D. Josefina Augusta de Moraes Botelho — Paços, agradece a N.ª Senhora da Fátima a graça de a melhorar de um grave incômodo de que sofria.

Manuel da Costa Gomes — Cavalões, tendo alcançado por intermédio de N.ª Senhora da Fátima a cura de graves dores que com frequência sentia nos intestinos vem agradecer tal favor.

D. Rosália Pinheiro Borda — Fão, pede a publicação de um favor recebido por intercessão de N.ª Senhora da Fátima mediante algumas orações e promessas que lhe fizera.

José Joaquim Lopes — Aldeia da Dona, deseja agradecer aqui a cura de sua filha Maria Rosa Vaz que esteve em grave perigo de morte provocada por uma espinha de bacalhau que havia ingerido. Por intercessão de N.ª Senhora da Fátima diz ter obtido a cura sem que chegasse a ser operada o que se julgava ser de absoluta necessidade.

Alípio Francisco Teixeira — Freigil, vem agradecer a cura de sua esposa que durante meio ano, diz, ter sofrido até ao extremo de dores nevrálgicas na cara e nos dentes. As gengivas infeccionaram, diz, a ponto tal que era um horror olhar para ela. Os médicos já não sabiam que mais lhe fazer a ver se a curavam. Por fim, foi invocada em seu favor a protecção de N.ª Senhora da Fátima, e graças a Ela, passados apenas 9 dias, a doente diz estar completamente limpa da infecção e livre de seus sofrimentos tão atrozes.

D. Beatriz Alcoforado — Pôrto, diz: — «Tendo uma sobrinha ameaçada duma gravíssima operação num ouvido, recorri a N.ª Senhora da Fátima para que a curasse sem ser operada, prometendo publicar a graça da cura se fosse atendida, o que hoje venho

fazer agradecendo publicamente a N.ª Senhora o ter-me ouvido na minhas aflições.

D. Teresa Baptista — Ponte do Sor, agradece a N.ª Senhora da Fátima o ter curado sua filha Rosa Baptista que, por ter nascido com um pé atrofiado não podia andar sem o auxílio de outros meios estranhos. Por intercessão de Nossa Senhora da Fátima a quem pediu a cura de tão grave defeito, a pequena, agora de cerca de 10 anos, anda já perfeitamente bem com grande alegria para a família. Esta graça foi enviada por D. Catarina de Brito, da Vila do Cano.

Do Pôrto, enviado pela Sr.ª D. Maria da Glória M. Baltar, chegou-nos êste pedido: — «Tendo há tempos pedido a Nossa Senhora da Fátima a concessão duma graça de que muito necessitava, principiel a fazer uma novena implorando o seu maternal o socorro. A meio da novena já tinha a esperança de ser atendida. Ao terminar a novena obtive a graça desejada. Agradecendo à SS.ª Virgem êste favor venho pedir a sua publicação na «Voz da Fátima».

Cipriano Junqueira da Silva, ex-chefe da estação de Alfaiates, estando sua mulher Maria Correia da Silva muito doente devendo fazer uma operação nos dois peitos segundo a opinião de 3 clínicos, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e a doente curou-se sem intervenção cirúrgica.

Voz da Fátima

DESPESA

Transporte	1.840.560\$97
Franquias, emb., transportes do n.º 201 ...	5.226\$20
Papel, comp. e imp. do n.º 201 (364.052 ex.)	16.617\$52
Na Administração... ..	263\$50
Total	1.862.668\$19

Donativos desde 15\$00

Maria Simão — América, 1 dólar; Manuel Mendes Matos — Rio de Janeiro, 60\$00; Laura Mendes — Califórnia, 15\$00; Ermelinda Luz — América, 15\$00; Maria J. Sepúlveda — Lisboa, 20\$00; Francisca Craveiro — Califórnia, 1 dólar; Hortencia de Assis — Lourenço Marques, 15\$00; Irmãs de S. Dorotea — América, 1 dólar; M.ª Pinto Abreu — Viseu, 20\$00; Júlio Nunes Almeida — France, 150\$00; Maria Martins — Vilar Formoso, 20\$00; Ester Rodrigues — Izeida, 20\$00; Virginia Pacheco — Rio de Janeiro, 15\$00; Eduina Furtado — Açores, 24\$00; Maria F. Marques — Pôrto, 25\$00; Helena Carneiro — Pôrto, 15\$00; Joana de Faure — V.ª N.ª de Oliveirinha, 15\$00; P.º Caetano Bernardo Sousa — Açores, 60\$00; M.º do Céu Avelar — Açores, 70\$00; M.ª Emília Povoas — Mangualde, 20\$00; José de Freitas — Mascoteles, 20\$00; Ana G. Escobar — Açores, 20\$00; Francisco da Silva — Açores, 20\$00; Maria C. Rocha — Califórnia, 5 dólares; José A. Cardoso — Lamego, 20\$00; Luís P. Peixinho — V.ª do Castelo, 20\$00; Sebastião Henriques — Freixial, 15\$00; Graciano Palhas — Cortegana, 20\$00; Maria da Silva — Lisboa, 20\$00; Manuel Figueiredo — V.ª N.ª de Gaia, 20\$00; Felicidade de Jesus — V.ª N.ª de Gaia, 20\$00; José Catarino — Brasil, 15\$00; António Rod. Pinto — Cadaval, 20\$00; Maria M. Godinho — Tomar, 20\$00; Tereza de Jesus Costa — Sortes, 30\$00; M.ª Isabel Russo — Cab. de Vide, 26\$00; José Jorge Fialho — A-dos-Cunhados, 20\$00; Isabel Vasconcelos — América, 3 dólares; Ana da Silva — América, 1 dólar; Guilhermina Gonçalves — América, 1 dólar; Lourenço de Castro — Pôrto, 20\$00; n.º 6369 — Sardourá, 20\$00; Manuel Dias — Aljezur, 60\$00; Mariana Serpa — Palmela, 15\$00; Josefina de Melo — Montemor-o-Velho 20\$00; Casa de Saúde de S. João de Deus — Barcelos, 50\$00; Lúcia Revocata — Belver, 15\$00; M. B. C. — Pôrto, 50\$00.

CRÓNICA FINANEIRA ÀS MÃIS

Há homens incapazes de manifestar opinião contrária à das pessoas que os rodeiam e que passam tormentos para adivinharem o que devem dizer para não contrariarem as pessoas que os ouvem. A muitos destes é o interesse que os move; procedem assim para coírem em graça que, diz o povo, vale mais do que ser engraçado.

Outros fazem-no por feitiço, por preguiça mental; reflectem a opinião alheia para se não darem ao trabalho de ter opinião própria. Estes constituem a grande maioria e é a sua massa que torna formidável o poder da imprensa.

No polo oposto há os que passam a vida a contradizer as pessoas com quem falam. Se alguém lhes diz sim, dizem logo não, com a espontaneidade com que uma mola empurra para cima logo que a gente lhe calca para baixo. A força mental destes não é superior à dos primeiros e a utilidade que podemos tirar da sua conversa não é muito maior. A única vantagem que os põe num nível mais alto, é não serem perigosos, porque não insensam ninguém e por vezes com as suas teimas obrigam a pensar e repensar certas ideias àquelles que são capazes de originalidade.

Outros homens há que procuram tirar toda a substância das opiniões que ouvem e para tanto tudo recolhem e tudo analisam, para se informarem primeiro e assentarem depois em bons alicerces a sua opinião própria.

É assim que procedem os homens de ciência no seu gabinete e nos seus laboratórios, mas nem sempre os mesmos homens são capazes de aplicar aos casos da vida corrente, os métodos que aplicam à maravilha na sua especialidade.

Para o aproveitamento seguro da opinião alheia, não há regras, porque até mesmo a unanimidade engana. Regra geral, uma obra que agrada a todos e que todos gabam,

pode ser perfeita, mas não é original. E muitas vezes nem perfeita é, porque se reflectir os erros em voga, terá unanimidade de aplausos. A originalidade onde surge, provoca logo contradições. Com uma originalidade forte, os teimosos sentem-se atingidos nas suas fibras mais íntimas, tomam-se de furor e investem como touros desgarrados da manada. E é por isso, prezado leitor, que a mim só me desperta curiosidade a contradição. Se aparece uma obra de arte que todos gabam, fico indiferente e em geral não vou ver, porque não há tempo para ver tudo, principalmente a partir de certa idade que infelizmente (ou felizmente) já atinji. Mas se vejo forte discussão em volta de qualquer obra nova, então sim, leitor amigo, vou ver logo que posso, que é sinal que vale a pena.

Quando a igreja da Fátima, em Lisboa, foi aberta ao culto, logo surgiu por toda a parte viva discussão. Uns achavam-na formosíssima, outros péssima; para uns era um templo cheio de mistério, de unção religiosa; para outros, um templo que tresandava a paganismo. E esta diversidade de opiniões era partilhada por pessoas cultíssimas e de são catolicismo.

Logo que chegaram ao meu conhecimento estas divergências até entre pessoas cultas e bons católicos, pensei de mim para mim que a obra devia ser fortemente original e digna de se ver. Infelizmente só agora tive oportunidade de o fazer e de verificar que me não enganava. A igreja de Nossa Senhora da Fátima, de Lisboa, não é só uma obra de forte originalidade, é templo formosíssimo, que nos atrai, que nos prende, e de tal modo nos encanta que nos deixa saudades logo que dele saímos. Prezado leitor, quando fores a Lisboa, vai visitar a igreja de Nossa Senhora da Fátima.

Pacheco Amorim

A resignação na dor

Passados alguns dias após a horrível tragédia de Pôrto-de-Mós, por ordem de S. Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Sr. Bispo de Leiria, realizaram-se solenes exéquias na Sé Catedral para sufragar as almas das pobres vítimas.

Lá fora os sinos espalham sobre a cidade os crepes imateriais das suas notas plangentes e doloridas.

Dentro do templo o aspecto é triste e impressionante: numerosos assistentes da cidade ou das freguesias trajando luto acompanham as cerimónias, murmuram preces; correm lágrimas silenciosas dos olhos de muitos a quem o infortúnio feriu de perto ou a quem, a dor alheia, faz sofrer também.

Alguém ao meu lado diz-me baixinho: — Vê aquela mulher aqui na nossa frente? Ficaram-lhe lá dois filhos, crianças ainda.

Olhei. Tinha diante de mim uma pobre mulher do povo toda de preto. Os olhos postos no chão parecem fitar alguém que ali não está, talvez os dois pequeninos cadáveres das seus filhinhos mortos em tão trágicas circunstâncias. Duas lágrimas deslizavam-lhe docemente pelas faces maceradas. Olhei-a bem. Ainda hoje conservo na retina impressionável a expressão resignada e dolorida daquele rosto, porque jamais vi uma tão grande dor impregnada numa tão grande resignação. Era a imagem viva da dor cristã, da dor que se conforma com a vontade do Senhor.

Se há dores que necessitem de resignação e conformidade, é a dum coração de mãe dilacerado pela morte dum filho estremeado porque, dizem, não há dor humana mais pungente e mais acerba.

Por isso admirei a serenidade daquela mulher no meio do seu indizível sofrimento. Admirei-a e desejaria dá-la como exemplo a tantas pobres mãis amarguradas por dores semelhantes e que tantas vezes se deixam afundar num lamentável desespero.

Não sentiria ela a perda dos seus filhinhos, o ver murchar assim tão prematura e inesperadamente duas risonhas esperanças, amparo e alegria da sua velhice? Quem ousaria duvidá-lo? Mas, cristã fervorosa, aceitava sem queixa e sem revolta um golpe que tão profundamente feria o seu coração de mãe.

Mães que sofres e chorais a perda de vossos filhos, considerai a dor heróica desta pobre mulher e sobretudo alentai os vossos corações contemplando a dor de Maria Santíssima, a mais santa de todas as mãis, quando lhe depuseram nos braços o Seu Filho divino, o Seu Jesus — dor tão grande que já o profeta, na visão dos tempos, traduzia no seu cantar: «ó vós que passais, vede se há dor semelhante à minha dor».

Acção Católica Portuguesa 1939

Campanha da Família

Católicos portugueses, *reparaí nesta Campanha* fazel alguma coisa por ela, dentro das vossas possibilidades, falai nela, estudaí-a, colhei dela algum fruto, procuraí que a vossa volta cheguem os seus benefícios, oral e trabalho!

Não permaneçais indiferentes e apáticos!

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

A ambição de Leonor

— Merca ovos!...

Com o challe traçado à moda regional, tamanquinhas palmilhando calçada abaixo, figura airosa e rosto engraçado, a jovem tricana dava gosto a quantos poisavam os olhos nela e ninguém tinha alma de lhe regatear a mercadoria em cujo preço, aliás, não era das mais exageradas.

Naquela manhã, quem conhecesse bem a Leonor do Penedo, notar-lhe-ia uma desusada tristeza — ou cansaço — que lhe fazia a miúdo entreabrir os lábios num suspiro. A uma certa altura a cesta, se bem que apenas meia, pareceu-lhe mesmo intoleravelmente pesada e, depois de parar um momento, foi poisá-la sobre o murozito semi-derruído dum quintal transbordante de roseiras floridas.

— Assim é que se faz hoje a venda?...

Por cima da cesta debruçava-se um estudante e, contra o sol, a mancha negra do seu vulto, mais ainda talvez que o inesperado da voz, sobressaltou a rapariga.

— Rainha Santa bemdita! exclamou. Que susto me meteu!

E já mais serena enquanto o rapaz sorria divertido:

— Então agora está cá pelo sitio?

— Não... vim aqui de visita. Uma visita bem triste!

Leonor fitou-o com curiosidade.

Criados de pequeninos a bem dizer juntos porque a quinta da família do estudante estendia-se além do Penedo da Saúde até à casita e à horta dos pais de Leonor, agora, que ele perdera família e bens, era muitas vezes Leonor ou a mãe que lhe levavam os seus presentinhos do pomar e da capoeira, em retribuição dos que outrora haviam recebido.

As pessoas que nesse dia passaram pelo grupo, emoldurado de rosas, não podiam deixar de lhe associar ideias de romance e, de facto, se da parte de Fernando nada mais havia do que uma estima toda fraternal, os sentimentos de Leonor por ele, exaltados pela imaginação e pela ambição de sair da sua classe, levavam-na a rejeitar e mesmo a desprezar qualquer proposta de casamento por mais conveniente que fosse.

— Triste porque?... Está pr'ai alguém a morrer? interrogou a tricana com um jeito trocista no lábio inferior, fresco e vermelho como um coral.

— Há coisas bem mais tristes que a morte, respondeu o estudante com gravidade. A morte só devia ser triste pela saúde que nos deixam os entes queridos. Tudo está em nos prepararmos — e ajudarmos os outros a preparar-se — para que a morte seja o começo duma felicidade que nem por sombras se pode alcançar na terra.

— Mas então?...

— Desgraça bem maior do que a morte — a boa morte — é esta que aqui venho encontrar. Uns pobres velhos amargurados, uma rapariga desesperada, o irmão que a sólera pode arrastar a um crime. Compreendes? Leonor baixou a cabeça.

— Pobre Sofia, disse, pensativa. Tantas vezes andámos juntas na venda...

Calou-se, mas não pôde calar a consciência que lhe recordava também quantas vezes tinham ambas trocado ideias e devaneios perigosos, alimentado esperanças louças com certas conversas, desenvólvido desejos de luxo e divertimentos.

— Por ela, e por agora continuou Fernando, pouco se pode fazer, mas, pelo irmão, ninguém como tu, Leonor, poderá ter mão nêle, fazer por sossegá-lo...

Leonor crou até à raiz dos cabelos.

— Eu... Ora essa!
— Não te faças de novas! Tó-da a gente sabe o desgosto em que o rapaz anda por tua causa. Ora quando a medida está cheia, com pouco transborda...

— E eu tenho alguma culpa disso? disse com certo desabrimento.

— Escuta, Leonor. Nós não somos só culpados pelo mal que fazemos; temos culpa também se não fizermos o bem que estiver ao nosso alcance.

— Mas... e que posso eu fazer?

— Olha... vai acabar a tua venda... e vai pensando bem no caso. Depois, faz o que o coração te ditar. Mas... toma cuidado! Esta vida é uma coisa séria e a outra... mais séria ainda!

Leonor voltou-lhe um olhar embaciado de lágrimas em que Fernando fingiu não reparar. Sem dizer mais nada, ajudou-a a pôr a cesta à cabeça, desceu para a rua por uma pequena rampa escalarada e pôs-se a caminhar apressadamente enquanto a rapariga se dirigia para o lado oposto, fazendo de novo ouvir o seu gregão dolente: — Merca ovos!...

Vertiginosamente, rodaram os anos.

Fernando que, logo após a sua formatura saíra para o Pôrto, voltava a Coimbra, já encanecido e alquebrado, a procurar instalação para o primeiro neto que acabava o liceu.

Peregrinando por entre as doces recordações da meninice e as da mocidade, já mescladas de desgostos e desilusões, lá foi até ao Penedo da Saúde, no gósto amargo de contemplar como estranho a propriedade que fora de seus pais e avós. Lá foi mais adiante encontrar Sofia, a quem uma dura lição aproveitara, ainda rija e esperta, rodeada de numerosa família cujos membros, à porfia, a acarinhavam e bem-diziam.

Quanto à casita e horta de Leonor, que prosseguira sem emenda nos seus sonhos ambiciosos e esperanças vãs, tinham passado, também há muito, para outras mãos. Calcurriando agora as ruas na venda de arufadas, velhita encarquilhada e triste, é a viúva do irmão de Sofia, vindo há pouco do Brasil, para onde o desprezo da bela tricana o expatriara, que lhe dá por caridade uma enxêrga e um lugar ao canto da lareira.

M. DE F.

Como se deve ir a Fátima

Ir à Fátima é a grande aspiração da maior parte da gente.

Ou prometida num momento de aflição ou pedida como prêmio, a peregrinação à Fátima anda realmente na alma de uma grande parte dos portugueses.

Com que saúde a recordam os que um dia tiveram a felicidade de pisar essa terra bemdita!

Fazem bem os que podem em lá ir. Mas é bom ver que disposições se levam.

A Fátima não é uma terra qualquer.

Não é um centro de turismo em que pese a certos senhores que a quereriam ver de avenidas asfaltadas, rodeada de mimosos jardins e povoada dos dancings modernos e crapulosos.

Não é sequer um centro de romaria.

Não se vai à Fátima em romaria por pândega e divertimento.

Fô-la surgir o amor maternal da Virgem Santíssima que, com um gesto piedoso se amerceou de Portugal e o veio convidar a regressar à casa do Pai donde como filho pródigo se havia afastado.

Levantaram-na a piedade, o fervor e o espírito de mortificação, reparação e penitência que sempre animou os bons peregrinos da Fátima.

E foi assim que a Cova da Iria se transformou no mais fervoroso centro de piedade de Portugal e um dos mais célebres de toda a Cristandade.

A Mãe do Céu apraz-se em fazer dela o trono dos seus cuidados maternais.

Ah! cautela não vamos transtornar os amorosos planos da Divina Providência a nosso respeito!

Para isso convém atender aos seguintes pontos:

Preparação

O bom peregrino da Fátima prepara-se antes de partir, pede a Deus que lhe dê uma boa viagem, empre-

ende a jornada com espírito de sacrifício, sofre com paciência e resignação os incómodos dos transportes ou dos caminhos e as inclemências do tempo e não se esquece de se confessar bem antes de sair da sua freguesia a não ser em casos de força maior.

Pelo caminho

reza e canta com os seus companheiros.

Nos intervalos conversa e distrai-se, mas de tal forma que nem Deus, nem o próximo, nem a virtude sofram com isso. Visita piedosamente as igrejas das terras por onde passa e procura manter a alma unida com Deus pela recitação frequente de orações jaculatórias.

Que cada um procure ir a Fátima com espírito de piedade e recta intenção de agradar a Deus e a Nossa Senhora.

No Santuário

visita o Santíssimo Sacramento e na capelinha das aparições ou perto a veneranda imagem de Nossa Senhora.

Conserva-se recolhido, toma parte nos actos do culto, reza em côro, canta com entusiasmo, assiste ao maior número de missas que pode, confessa-se se pode e o não fez antes e recebe a sagrada comunhão.

Tem cautela com os vendilhões, pedintes e ladrões. E ao voltar agradece a Deus as graças recebidas e procura, em si e nos outros aumentar a devoção e amor para com a nossa querida Mãe do Céu.

Às Senhoras

lembra-se que dentro do recinto é proibido andarem com vestidos sem mangas ou de meias mangas.

Bolachas para diabéticos

DIGESTIVA
Ótima, também, para doentes convalescentes e pessoas fracas.
É um produto da Fábrica Confiança.
A VENDA EM TODA A PARTE
QUILO ESC. 24900

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

no mês de Junho

Algarve	5.497
Angra	20.031
Aveiro	6.323
Beja	3.699
Braga	86.655
Bragança	14.261
Coimbra	14.407
Évora	5.390
Funchal	15.647
Guarda	22.275
Lamego	12.807
Leiria	15.852
Lisboa	11.866
Portalegre	10.933
Pôrto	56.681
Vila Real	28.874
Visu	10.173

	341.371
Estrangeiro	3.883
Diversos	18.798

364.052

Este número foi visado pela Censura